

Moacyr Scliar

MAX E OS FELINOS

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – *Moacyr Scliar* / 11

DE TRÂNSITOS E DE SOBREVIVÊNCIAS – *Zilá Bernd* / 23

MAX E OS FELINOS / 39

 O tigre sobre o armário / 41

 O jaguar no escaler / 65

 A onça no morro / 95

SOBRE O AUTOR / 122

*Para os amigos e primeiros leitores: Lúgia,
Regina, Isaac, Ivan, Maria da Glória, José
Onofre, Maria Helena.*

Para Klaus e Seldi.

Medo, eu? O tigre não tem medo de
ninguém... O tigre invisível. A minha alma.

Francisco Macías Ngueme
Ditador deposto da Guiné Equatorial

INTRODUÇÃO

Moacyr Scliar

O Destino ainda bate à porta, claro, mas nesta época de comunicações instantâneas prefere o telefone. Na tarde de 30 de outubro de 2002, voltando para casa cansado de uma viagem, recebi uma ligação. Era uma jornalista do jornal *O Globo*, dando-me uma notícia que, a princípio, não entendi bem: parece que um escritor tinha ganho, na Europa, um prêmio importante com um livro baseado em um texto meu.

Minha primeira reação foi de estranheza: um escritor, e do chamado Primeiro Mundo, copiando um autor brasileiro? Copiando a mim? Ela se ofereceu para me dar mais detalhes, o que foi feito em telefonemas seguintes, e assim aos poucos fui mergulhando no que se revelaria, nos dias seguintes, um verdadeiros torvelinho, uma experiência pela qual eu nunca havia passado.

Sim, um escritor canadense chamado Yann Martel havia recebido, na Inglaterra, o prestigioso prêmio Booker, no valor de 55 mil libras esterlinas, conferido anualmente a autores do Commonwealth britânico ou da República da Irlanda (entre outros: Ian McEwan, Michael Ondaatje, Kingsley Amis, J.M.Coetzee, Salman Rushdie, Iris Murdoch). Sim,

ele dizia que havia se baseado em um livro meu, *Max e os felinos*, publicado no Brasil em 1981, pela L&PM (Porto Alegre), e traduzido poucos anos depois nos Estados Unidos como *Max and the Cats* (New York, Ballantine Books, 1990) e na França como *Max et les Chats* (Paris, Presses de la Renaissance, 1991). É uma pequena novela que escrevi com grande prazer – lembro-me de um fim de semana na serra gaúcha em que matraqueava animado a máquina de escrever, em todos os minutos em que não estava cuidando de meu filho, ainda pequeno.

Minha primeira reação não foi de contrariedade. Ao contrário, de alguma forma senti-me envaidecido por ter alguém se entusiasmado pela idéia tanto quanto eu próprio me entusiasmara. Mas havia, na notícia, um componente desagradável e estranho, tão estranho quanto desagradável. Yann Martel não tinha, segundo suas declarações, lido a novela. Tomara conhecimento dela através de uma resenha do escritor John Updike para o *New York Times*, resenha desfavorável, segundo ele.

Esta afirmativa me perturbou. *Max and the Cats* não chegou a ser um *best-seller*, mas os artigos sobre o livro, que me haviam sido enviados pela editora, eram favoráveis – inclusive o do *New York Times*, assinado por Herbert Mitgang. Teria Updike escrito uma outra resenha – para o mesmo jornal? Se era esse o caso, por que eu não a recebera? Será que os editores só mandavam resenhas favoráveis?

À afirmativa seguia-se um comentário de Martel. Uma pena, dizia ele, que uma idéia boa tivesse sido

estragada por um escritor menor. Mas, em seguida, levantava uma outra hipótese: e se eu não fosse um escritor menor? E se Updike tivesse se enganado? De qualquer maneira a idéia principal do livro serviu-lhe de ponto de partida para sua obra *The Life of Pi*. E qual é essa idéia?

O Max Schmidt de meu livro é um jovem alemão que está fugindo do nazismo e que embarca para o Brasil. O navio em que viaja, um velho cargueiro, transporta também animais de um zoológico. Há um naufrágio, criminoso, mas Max salva-se em um escaler. E de repente sobe a bordo um sobrevivente inesperado e ameaçador: um jaguar. Começa então a segunda parte da novela, que tem como título *O jaguar no escaler*.

Esta, a idéia que motivou Martel. O seu personagem, Piscine Molitor Patel, Pi, é um menino hindu cujo pai é dono de um zoológico. A família emigra para o Canadá, levando os animais a bordo. Há, na segunda parte do livro, um naufrágio (que depois será considerado criminoso). Pi salva-se. No mesmo barco estão um tigre de Bengala, um orangotango e uma zebra. O tigre liquida os três e Pi fica à deriva com o felino por mais de duzentos dias.

O texto de Martel é diferente do texto de *Max e os felinos*. Mas o *leitmotiv* é, sim, o mesmo. E aí surge o embaraçoso termo: plágio.

Embaraçoso não para mim, devo dizer logo. Na verdade, e como disse antes, o fato de Martel ter usado a idéia não chegava a me incomodar. Incomodava-me a

suposta resenha e também a maneira pela qual tomei conhecimento do livro. De fato, não fosse o prêmio, eu talvez nem ficasse sabendo da existência da obra. No lugar de Martel eu procuraria avisar o autor. Aliás, foi o que fiz, em outra circunstância. Meu livro *A mulher que escreveu a Bíblia* teve como ponto de partida uma hipótese levantada pelo famoso *scholar* norte-americano Harold Bloom segundo a qual uma parte do Antigo Testamento poderia ter sido escrita por uma mulher, à época do rei Salomão. Tratava-se, contudo, de um trabalho teórico. Mesmo assim, coloquei o trecho de Bloom como epígrafe do livro – que enviei a ele (nunca respondeu – nem sei se recebeu –, mas eu cumpri minha obrigação). Martel agiu de maneira diferente. No prefácio, em que agradece a muitas pessoas, atribui a “fagulha da vida” (“*the spark of life*”) que o motivou a mim. Mas não entra em detalhes, não fala em *Max e os felinos*.

Nada se cria, tudo se copia, é um dito freqüente nos meios acadêmicos. Escrevendo a respeito do incidente (prefiro este termo), Luis Fernando Verissimo observou que Shakespeare baseou numerosas obras em trabalhos de contemporâneos menores. Em realidade, não há escritor que não seja influenciado por outros – Bloom, a propósito, fala da “angústia da influência”. Quando comecei a rabiscar meus primeiros textos, copiava descaradamente. Em redações escolares, transcrevi várias frases do *Cazuza*, de Viriato Correa, um livro que foi lido por várias gerações de crianças

brasileiras. Mas isto, no começo. É um sinal de maturidade procurarmos andar com nossas próprias pernas. E também é um sinal de maturidade reconhecer, de forma explícita, a utilização do material de outros. Em trabalhos científicos isto é feito mediante citação bibliográfica. A transcrição também não pode ser extensa.

Essas coisas são levadas cada vez mais a sério, apesar de a noção de propriedade intelectual ser relativamente nova na história da humanidade. Tomemos, por exemplo, os trabalhos de Hipócrates, considerado o pai da medicina, e que viveu no século V a.C.. É difícil saber o que é realmente obra dele e o que foi escrito por seus discípulos. O nome Hipócrates era uma grife, uma gratuita *franchising*. Era livremente usado porque à época não havia direitos autorais. Em matéria de texto, isso surgiu com a indústria editorial, portanto em plena modernidade. Shakespeare ainda vivia uma fase de transição.

Uma idéia é uma propriedade intelectual. Isto não significa que não possa ser partilhada. Pode, sim, e freqüentemente o é. Um editor propõe um mesmo tema para vários autores e faz uma antologia com os trabalhos: nada demais nisso. Um autor não está prejudicando o outro. É diferente da situação de um produto qualquer que é copiado, o que implica prejuízo para o produtor original – a pirataria. Usar a mesma idéia literária não chega a ser pirataria.

Depois de muito debate sobre o assunto o livro de Martel finalmente chegou-me às mãos. Li-o sem rancor; ao contrário, achei o texto bem escrito e original.

Ali estava a minha idéia, mas era com curiosidade que eu seguia a história; queria ver que rumo tomaria sua narrativa – boa narrativa, aliás, dotada de humor e imaginação. Ficou claro que nossas visões da idéia eram completamente diferentes. As associações que eu fiz são diferentes das que Martel faz.

Um naufrago num escaler diante de um jaguar – o que significaria aquilo para mim? Por que teria me ocorrido aquela imagem? É uma pergunta que pode se aplicar a qualquer obra de ficção (e a qualquer sonho, qualquer fantasia). E que admite dois tipos de resposta, em níveis diferentes. Um, mais profundo, e por conseguinte mais misterioso, diz que tais coisas se originam no inconsciente; são fantasias ligadas a traumas, cuja elaboração pode demandar muitas horas-divá. O outro tipo de explicação é aquele que ocorre ao próprio autor. Para mim o jaguar era a imagem de um poder absoluto e irracional. Como foi o poder do nazismo, por exemplo. Ou, numa escala bem menor, o poder da ditadura militar que se instalou no Brasil em 1964. Martel dá uma conotação diferente – religiosa – à imagem. E isto, presumo, deve ter reforçado nele a convicção de que não estava copiando, mas sim usando a idéia como ponto de partida.

Seja como for a história, teve desdobramentos surpreendentes. Nos dias que se seguiram, comecei a receber cartas, e-mails, telefonemas – e, sobretudo, pedidos de entrevistas de vários órgãos da imprensa.

Não sou um autor desconhecido, mas certamente nenhum dos meus livros teve a repercussão alcançada por esse. E nenhum esteve envolvido em tanta confusão. Confusão esta que começou com a divulgação – extra-oficial – do resultado do prêmio, num *site* da Internet, um “fiasco”, na expressão do jornal londrino *The Guardian*, de 26 de outubro. Simultaneamente, vinha à luz a questão da idéia do livro. Em 27 de outubro, o próprio Yann Martel publicou no *The Sunday Times*, de Londres, um artigo que falava sobre o seu livro – e o meu. No domingo, 3 de novembro, *O Globo* publicou, em página inteira, a matéria para a qual eu tinha sido entrevistado. A jornalista Daniela Name lembrava: “*Max e os felinos* não é o primeiro romance brasileiro supostamente plagiado por um autor estrangeiro. Publicado em 1934, *A sucessora*, de Carolina Nabuco, gerou um debate literário quando *Rebecca*, da inglesa Daphne du Maurier, foi editado quatro anos depois”. (*Rebecca*, aliás, foi adaptado para o cinema por Alfred Hitchcock.) Dois dias depois, apareceu um outro artigo, vastamente difundido pelas agências internacionais: aquele escrito para o *New York Times* pelo correspondente do jornal no Brasil, Larry Rohter, que me entrevistou por telefone. O título era: “Tiger in a Lifeboat, Panther in a Lifeboat: a Furor Over a Novel” (O tigre num bote, a pantera num bote: um escândalo sobre um romance). Depois de explicar aos leitores americanos como pronunciar meu nome (*Mo-uh-seer Skleer*), Rohter falava do sucedido, destacando que seu jornal jamais tinha

publicado qualquer resenha de John Updike acerca de *Max and the Cats*. Também mencionava a reação da imprensa brasileira.

A isto seguiu-se a reação de um órgão da imprensa canadense, o *National Post*. A matéria publicada no dia 7 de novembro levava como título: “New chapter in a nation’s rage toward Canada” (Um novo capítulo na raiva de uma nação [o Brasil] contra o Canadá). E o subtítulo, usando a aliteração de que os anglo-saxões tanto gostam, era muito significativo: “Beef, Bombardier, books”. O texto procurava associar a questão dos livros com os episódios da proibição da importação da carne brasileira pelo Canadá (o “beef”) supostamente por razões sanitárias, e a concorrência entre a brasileira Embraer e a canadense Bombardier para a venda de aviões. Ou seja: o assunto estava ultrapassando os limites da controvérsia literária. E difundia-se cada vez mais, como constatei, ao procurar descobrir na Internet o noticiário a respeito. Entrei no Google, digitei dois nomes, Yann Martel e Moacyr Scliar – e fiquei estarecido: havia mais de quinhentos textos sobre o *affaire*. E os pedidos de entrevistas continuavam. No dia 15, cheguei aos Estados Unidos, onde deveria dar uma palestra em Amherst, Massachusetts. Em minha passagem (de menos de um dia) por Nova York, fui entrevistado por cinco órgãos de imprensa.

A pergunta que mais me faziam – e, nos Estados Unidos, faziam-me de forma insistente – dizia respeito a um processo judicial. Algo para o qual eu não tinha a menor disposição. Não só porque demandaria tempo

e energia, como também porque minha atitude não era, e nem nunca foi, litigante. Como mencionei antes, se, ao tempo em que começou a escrever seu livro, Yann Martel tivesse entrado em contato comigo dizendo que queria aproveitar a idéia, eu teria concordado, e de bom grado. Ele não o fez, o que pode ser considerado inadequado – mas, ilegal? Eu relutava em ver a coisa dessa maneira. De modo que resolvi dar o assunto por encerrado – para decepção, não pude deixar de notar, de algumas pessoas, que gostariam de ver a briga continuar.

Algumas conclusões se podem tirar desse episódio, para o qual o adjetivo “bizarro” me ocorreu desde o início. É, de fato, uma coisa muito estranha. Há, nela, uma discussão objetiva sobre o que vem a ser, afinal, plágio. Objetiva porque há evidentes repercussões práticas nesta época de marcas, patentes e direitos autorais, mas nem por isso fácil de resolver. Mesmo que princípios gerais sejam fixados, cada caso será um caso e exigirá uma decisão, judicial ou não, independente.

A outra questão diz respeito aos famosos quinze minutos de fama, de que falava Andy Warhol. Um livro chega ao noticiário de duas maneiras. Pode ser através de um artigo crítico ou de uma resenha. Mas, se for dessa maneira, pode-se ter certeza de que a repercussão será limitada. Barulho mesmo faz o *succès de scandale*. Que, diga-se desde logo, não afasta o mérito literário. Escândalo provocaram livros como *Madame Bovary*, de Flaubert, *L'Assomoir*, de Zola, e *Le diable*

au corps, de Raymond Radiguet, para ficarmos só na França, onde se originou a expressão. E qual o mecanismo deste sucesso? É como se as pessoas dissessem, repetindo o *Eclesiastes*: há livros demais no mundo – acrescentando em seguida: dêem-me um motivo para ler esse livro em particular. E, quanto mais picante, mais controverso for o motivo, melhor – e tanto maior a possibilidade dos quinze minutos de fama. Por coincidência, na mesma época da discussão sobre os livros, estourou o escândalo Winona Ryder: a atriz tinha sido surpreendida roubando roupas de uma loja. Não menos surpreendente foi o artigo aparecido em um jornal americano, dizendo que o julgamento seria benéfico para a carreira de uma atriz cujos últimos filmes, segundo o articulista, não haviam tido muito êxito. Pouco depois disso, um conhecido contou-me o sonho que tivera: sonhara que a história do plágio havia sido combinada entre Yann Martel e eu, para mútua promoção. Um sonho inteiramente explicável, na conjuntura em que vivemos. Livro depende de promoção – e a promoção depende, entre outras coisas, da visibilidade do autor. Isso explica o desaparecimento do pseudônimo, por exemplo. E explica as viagens *coast to coast* que os escritores americanos fazem, atravessando os Estados Unidos de um ponta a outra para falarem de seus livros em palestras e programas de tevê. É claro que qualquer coisa que chame a atenção para a obra, nestas circunstâncias, é bem-vinda.

Nem todos os escritores aceitam essa injunção. Lembro Rubem Fonseca recusando-se a falar sobre sua

obra em uma mesa-redonda: “O que tenho a dizer está nos meus livros”. Mas entre essa recusa e a aceitação total, às vezes até entusiástica, há um gradiente de possibilidades no qual os escritores vão se situando conforme sua disponibilidade, conforme seu temperamento, conforme sua capacidade de comunicação. Parte disso corresponde ao papel do escritor como intelectual: as pessoas esperam que quem sabe escrever saiba também falar e tenha idéias a transmitir.

O importante é não fazer um investimento emocional nesta fama passageira. O importante é não tentar repetir os quinze minutos. “Não há segundo ato nas vidas americanas”, disse Scott Fitzgerald, e isso é válido especialmente para arte e literatura: depois que as cortinas do palco se fecham, elas não abrem mais. As pessoas que não acreditam, ou não querem acreditar nisso, entregam-se, não raro, às mais patéticas tentativas para fazer de novo brilhar, sobre si, os refletores do sucesso. Que têm um grande efeito: aquecem o ego. E não existe entidade que deseje ser mais aquecida, e massageada, e acarinhada, do que o ego. No passado, essa era uma exigência tímida, porque individualismo é uma coisa relativamente recente: pode ter existido sempre, mas criou força com a modernidade, e triunfa nesta época narcísica em que vivemos. O ego exige sucesso. Mas, como disse Clarice Lispector, numa carta a uma jovem que pretendia tornar-se escritora: “Quando você fizer sucesso, fique contentinha, mas não contentona. É preciso ter sempre uma simples humildade, tanto

na vida como na literatura”. Contentinha, mas não contentona: em quatro palavras, Clarice disse tudo, o que não é de admirar, em se tratando de uma grande escritora. É interessante, aliás, que tenha usado a expressão “contente”, mas não “feliz”. Não é a mesma coisa. Felicidade é uma coisa transcendente, imaterial. Contente é aquele que contém: sua carência foi preenchida com elogios, com tapinhas nas costas. No Brasil temos a expressão “o bloco dos contentes”. Usa-se em geral para pessoas que, ligadas à administração pública, conseguem favores, privilégios, mordomias. O que as contenta vem de fora.

Literatura não é fonte de contentamento. Nem é coisa que possa ser feita pelo membro de um bloco. Ela é, essencialmente, um vício solitário. Isto não quer dizer que tenha de ser praticada numa isolada torre de marfim. A grande literatura inevitavelmente reflete o contexto social da época. Mas o faz como um sismógrafo, cuja agulha desloca-se como resposta a movimentos profundos. Espero que isso tenha acontecido, ao menos em parte, ao menos em pequena parte, com uma história chamada “Max e os felinos”. Todo o resto, francamente, não tem muita importância.

Março de 2003

MAX E OS FELINOS

O TIGRE SOBRE O ARMÁRIO

Envolverido com felinos Max sempre esteve, de um modo ou de outro.

Nascido em Berlim, em 1912, era filho de peleteiro e cresceu entre peles; e destas, as que mais apreciava eram as de leopardo, infelizmente raras na loja do pai, um pequeno estabelecimento situado num bairro não muito bem conceituado de Berlim. Ali vinham bater principalmente refugos: raposas de *pedigree* duvidoso, *minks* encontrados mortos sobre a neve, martas rejeitadas por outros peleteiros. E até mesmo – mas disto não se falava em família, era assunto tabu – o coelho tinha sua vez nos casacos vendidos às clientes mais tolas. Como negociante, e como pessoa, Hans Schmidt não era um tipo refinado. Atarracado como um urso, era veemente demais no exaltar a qualidade de sua mercadoria; ficava vermelho, berrava, salpicava de perdigotos a cara dos clientes; e em casa, entre uma colherada e outra da sopa ruidosamente sorvida, gabava-se à mulher e ao filho de já ter enganado muitos trouxas na vida. Ouviam-no em silêncio, Max e a mãe. Erna Schmidt era exatamente o oposto do marido, uma mulher pequena e tímida, sensível, não

desprovida de certa cultura. Na adolescência, desejara ser declamadora; e à noite, em meio a confusos sonhos, recitava em voz alta versos de Goethe e de Schiller. O marido acordava-a a safanões: não posso dormir, gritava, por causa das tuas loucuras. Erna jamais reagia à brutalidade do marido; mas às vezes, enquanto estava contando uma história ao filho, interrompia-se de súbito e abraçava-se a ele aos prantos.

Tudo isto causava desgosto ao Max, que herdara da mãe a sensibilidade quase doentia. Tanto desgosto quanto prazer lhe traziam as peles. Desde criança habituara-se a procurar refúgio no depósito da loja, um aposento de dimensões reduzidas que recebia um pouco de luz e ventilação através de uma janelinha guarnecida de grossas barras de ferro. Naquele lugar Max sentia-se feliz. Gostava de enfiar o rosto nas peles, principalmente (e isto veio depois a se revelar irônico) nas de felino. Estremecia de esquisita emoção ao lembrar que aquela pele um dia recobrira o corpo de um elegante animal que correria pela África atrás de gazelas. Apenas o despojo do bicho? Sim. Para Max, contudo, era como se a fera estivesse ali, viva.

E havia o tigre, naturalmente, o que dava o nome à loja: *Ao Tigre de Bengala*. O animal tinha sido abatido pelo próprio Hans Schmidt, numa viagem que fizera à Índia com o Clube dos Caçadores – uma aventura cuja descrição produzia no menino Max excitação, claro, mas sobretudo um mal-estar quase intolerável. A Índia, nas grosseiras, jocosas palavras do pai, era um lugar sujo, cheio de nativos esqueléticos, os chamados

intocáveis. Para ele a única coisa que valera a pena, na viagem, fora a caçada ao tigre, que descrevia com profusão de detalhes. Falava da floresta impenetrável, dos ruídos misteriosos da noite, da tensa expectativa com que os caçadores, encarapitados em plataformas sobre árvores, aguardavam o tigre. E de repente a fera surgindo na clareira, o tiro certo – o tiro dele, Hans Schmidt – e ali estava, sobre o armário, o bicho, empalhado. Excelente trabalho, aliás, fizera o empalhador. Deixara o couro quase intacto, a marca da bala mal sendo notada. Pela bocarra extraíra as vísceras, substituindo-as por estofado do melhor. Os olhos eram de vidro, mas perfeitos. A certa incidência de luz reluziam com um brilho feroz, o brilho que Max não via nos tigres do zôo, animais aliás velhos, conformados ao cativeiro.

Desde muito pequeno Max tinha medo do tigre, um medo que chegava a dar-lhe pesadelos. Acordava à noite gritando, para desespero da mãe, que, além de todos seus problemas, sofria de asma e conhecia os pavores da noite. Hans Schmidt zombava dos temores do filho e não perdia ocasião para espicaçá-lo: covarde, não passas de um covarde. Uma noite, após o jantar, ordenou-lhe que fosse à loja, buscar um jornal supostamente lá esquecido. Max, então com nove anos, levantou objeções – o frio intenso, a escuridão – mas o pai, irritado, disse que deixasse de ser medroso e que fosse de uma vez. Erna pôs-se a chorar, pediu ao marido que pelo amor de Deus não fizesse aquilo com a criança. Max assistia à discussão, sentado, hirto. De

súbito levantou-se, e, sem nenhuma palavra, pegou o casaco e saiu. Ia para a loja.

Caminhou apressado por ruas desertas. Ao dobrar uma esquina, deu com um grande grupo de pessoas que avançava pelo meio da rua, carregando tochas e cantando hinos: uma passeata dos socialistas. Os manifestantes avançavam lentamente; um lhe fez sinal para que viesse também.

De repente, tropel de patas: policiais montados investiam contra os manifestantes, sabres desembainhados. Na confusão, Max viu um homem tombar, o crânio partido por uma espadeirada. Apavorado, correu para a loja, que ficava perto. Tremia tanto que mal conseguiu enfiar a chave na porta; finalmente entrou, escondeu-se atrás de um manequim e ali ficou, no escuro, os dentes chocalhando. Aos poucos, os gritos foram cessando. A rua ficou em silêncio.

Max mirava fixo o tigre. Ali estava ele, em cima de seu armário, os olhos – quando os faróis de um carro iluminavam o interior da loja – reluzindo com um brilho sinistro. Entre os dois, entre o menino e a fera, o balcão, e sobre este, o jornal. O jornal que Max jamais conseguiria alcançar; não, pelo menos, enquanto estivesse paralisado pelo medo, um medo como jamais sentira antes. Um medo humilhante e também uma surda e contida revolta. Para que precisava o pai do jornal? Que notícias tão importantes tinha de ler? Por que – e as lágrimas lhe corriam pelo rosto – era tão cruel com o filho, o único filho?